



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**O TEATRO DO OPRIMIDO COMO EIXO TRANSVERSAL
NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

LUISA LEÃO DOS SANTOS COSTA

BRASÍLIA – DF

2019

LUISA LEÃO DOS SANTOS COSTA

**O TEATRO DO OPRIMIDO COMO EIXO TRANSVERSAL
NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Banca examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de pedagoga. Orientadora: Prof.^a Dra. Simone Aparecida Lisniowski

BRASÍLIA – DF

2019

LUISA LEÃO DOS SANTOS COSTA

**O TEATRO DO OPRIMIDO COMO EIXO TRANSVERSAL
NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Dra. Simone Aparecida Lisniowski
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília
(Orientadora)

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília
(Membro Titular)

M.^a Silvia Beatriz Paes Lima Rocha Garcia
Atriz, Professora de Artes (SEDF)
Pesquisadora em Teatro do Oprimido

Aprovado em: 17/12/2019

Brasília

Dezembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu e continua me dando forças para continuar minha vida.

Sou totalmente grata à minha família, principalmente meus pais que foram minha base todos esses anos, dando o suporte necessário nos momentos mais difíceis para que mais uma etapa acadêmica fosse alcançada.

À minha orientadora Dra. Simone Lisniowski que me mostrou esse mundo maravilhoso do Teatro do Oprimido, sou muito grata a ela e todos os ensinamentos que tive ao longo dos semestres.

Aos amigos maravilhosos que tenho, agradeço cada um pela compreensão, incentivo e inspiração que me passaram ao longo dessa jornada. Principalmente a minha, agora, amiga de profissão Suelen Fernandes, que foi o meu porto seguro na produção desse trabalho.

RESUMO

O Teatro do Oprimido busca a transformação social levando ao diálogo dos oprimidos. Sendo a escola um espaço considerado conflitante, transformador e muitas vezes difícil de solucioná-los, o presente trabalho tem como objetivo identificar as possibilidades de articulação do Teatro do Oprimido ao currículo escolar, buscando na aplicação dos jogos do Teatro do Oprimido as possibilidades de resolução de conflitos no contexto escolar. Foram realizadas observações participantes feitas no segundo semestre de 2019 em uma instituição pública de Ensino Fundamental 2. A análise dos dados foi realizada articulando com autores do Teatro do Oprimido: Boal (1975; 2000; 2005), Belém (2016) e Garcia (2016) e com autores da Pedagogia: Freire (2013), Sacristán (2000), Saviani (1991), dentre outros. A partir deste estudo foi possível compreender a importância do Teatro do Oprimido o pensamento crítico dos estudantes, e um melhor diálogo e entendimento de questões conflituosas entre os estudantes no contexto escolar.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido. Currículo. Educação Básica. Contexto Escolar.

ABSTRACT

Theatre of the Oppressed seeks social transformation leading to the freedom of those who are oppressed. Since the school can be considered a conflicting space, and many times hard to solve, the present work has an objective of identifying possibilities of articulating Theatre of the Oppressed to the school's curriculum, implementing games of Theatre of the Oppressed the possibilities of resolving conflicts in the school's context. The data collected were from observing participants in the second semester of 2019 in a Middle School institution articulating with authors of Theatre of the Oppressed, Boal (1975; 2000; 2005), Belem (2016) e Garcia (2016) and with school educational authors: Freire (2013), Sacristán (2000), Saviani (1991), among others. It was possible to understand the importance of Theatre of the Oppressed for a more elaborate critical thinking of the students, and a better dialogue and understanding of conflicting questions among the students.

KEY WORDS: Theatre of the Oppressed. Curriculum. Basic Education. Educational Context

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como finalidade analisar a aplicação de jogos do Teatro do Oprimido na perspectiva curricular de uma escola pública do DF. Assim, procuramos identificar aspectos que podemos articular os jogos do Teatro do Oprimido de Augusto Boal no contexto escolar, para resolução de conflitos considerando a possibilidade de inserção como eixo paralelo no currículo da educação básica.

Para atender aos objetivos da monografia, dividimos este estudo em três partes. A primeira parte é a revisão teórica da pesquisa. No primeiro capítulo teórico será apresentado um breve histórico do Teatro do Oprimido, como surgiu, quem o criou, suas técnicas e como é trabalhado no contexto escolar. Abordamos também a importância das reflexões de Paulo Freire com a Pedagogia do Oprimido para a construção de um projeto de transformação no espaço escolar. Logo após será abordado a temática do currículo e da pedagogia, buscando apresentar um breve histórico, seu embasamento teórico, a questão cultural

Na segunda parte será apresentada a metodologia da pesquisa, considerando os procedimentos de coleta de dados, sistematização dos dados e da análise dos dados coletados. Na metodologia também será apresentada a contextualização da escola.

Por fim, na terceira parte será apresentada a descrição dos encontros e a análise dos dados junto a uma descrição de observações, entrevistas e análises de aulas relacionadas ao Teatro do Oprimido feitas na escola C.E.F Caseb com turmas Ensino Fundamental 2.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	10
INTRODUÇÃO	12
PRIMEIRA PARTE – REVISÃO TEÓRICA	14
1.1 Teatro do Oprimido de Augusto Boal.....	14
1.1.1 <i>Histórico.....</i>	14
1.1.2 <i>Técnicas do Teatro do Oprimido.....</i>	15
1.1.2.1 <i>Teatro Imagem</i>	16
1.1.2.2 <i>Teatro Jornal.....</i>	16
1.1.2.3 <i>Arco íris do desejo.....</i>	16
1.1.2.4 <i>Teatro Fórum</i>	17
1.1.2.5 <i>Teatro Legislativo</i>	17
1.1.2.6 <i>Teatro do Invisível.....</i>	18
1.1.3 <i>O Teatro do Oprimido nas escolas</i>	18
1.2 O campo curricular	21
1.2.1 <i>Histórico.....</i>	21
1.2.2 <i>O teatro no Currículo em Movimento.....</i>	21
1.2.3 <i>Diretrizes pedagógicas.....</i>	22
SEGUNDA PARTE – PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	24
2.1 Metodologia	24
2.1.1 <i>Procedimentos de coleta de dados.....</i>	24
2.1.2 <i>Procedimentos de tratamento dos dados.....</i>	24
2.1.3 <i>Procedimentos de análise dos dados</i>	25
2.2 Observações	25
2.2.1 <i>Contextualização da Escola</i>	25
TERCEIRA PARTE – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
3.1 Descrição das Observações	26
3.1.1 <i>Aplicação dos jogos no Projeto do Teatro do Oprimido na Turma 1 e 2</i>	26
3.1.1.1 <i>Descrição da Aplicação dos jogos no primeiro encontro.....</i>	26
3.1.1.2 <i>Descrição da Aplicação dos jogos no segundo encontro</i>	28
3.1.1.3 <i>Descrição da Aplicação dos jogos no terceiro encontro</i>	30
3.1.1.4 <i>Descrição da Aplicação dos jogos no último encontro.....</i>	32
3.1.2 <i>Aplicação dos jogos no Projeto do Teatro do Oprimido na Turma 3 e 4</i>	<i>Erro!</i>
<i>Indicador não definido.</i>	
3.1.2.1 <i>Descrição da Aplicação dos jogos no primeiro encontro.....</i>	34

3.1.2.2	<i>Descrição da Aplicação dos jogos no segundo encontro nas turmas.....</i>	36
3.1.2.3	<i>Descrição das Aplicação dos jogos no terceiro encontro nas turmas.....</i>	38
3.2	Análise e articulação teórica	43
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	48
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
	APÊNDICES	51
	APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA OFICINA DE TEATRO.....	51
	APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE CONCLUSÃO DE ESTÁGIO	52
	APÊNDICE C – TERMO DE USO DE IMAGEMERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci no ano de 1992, e uma das primeiras memórias que tenho foi quando ganhei um livro de alguma princesa da Disney do meu pai. Lembro que eu não desgrudava desse livro, mesmo não entendendo uma palavra escrita, mas sabia contar toda a história.

Quando eu penso na minha educação infantil, que foi em uma escola pequena perto da minha casa, lembro bastante das minhas amigas e principalmente das brincadeiras que tínhamos na época. Minha alfabetização foi no método tradicional, no qual decorávamos as sílabas e depois ligávamos até formar uma palavra.

Ao final do jardim III, lembro dos meus pais falarem que eu mudaria de escola, que iria para uma melhor, mas que eu precisaria fazer uma prova para ser aceita, e fiquei com muito medo na época acho que minha aversão a avaliações começou naquele momento. Fiz a prova e comecei meus estudos nessa escola, e me lembro muito bem da minha primeira professora, pois ela era atenciosa e gostava muito dos alunos.

Nos outros anos do ensino fundamental I também tive muitas professoras boas, mas que não me marcaram da mesma maneira, pois não consigo lembrar o nome e pouco lembro da fisionomia delas.

No Ensino Fundamental II confesso que tive dificuldades para lembrar quais foram meus professores, e tive que perguntar para uma amiga que estudou comigo e ela me mostrou uma foto. Após essa foto, várias lembranças voltaram, e que vários professores se tornaram essenciais para minha trajetória acadêmica.

No Ensino Médio mudei de escola novamente. Dessa vez para uma escola focada no vestibular da UnB pois minha meta inicial era fazer medicina. Na época os professores falavam que eu era boa em todas as matérias, inclusive nas exatas, mas ao longo do meu primeiro ano percebi que não era tão boa quanto imaginava. Hoje reflito sobre isso, pois havia muita pressão para os alunos serem os melhores, fazerem as melhores provas, acertar o maior número de questões, entre outros fatores que acabavam sugando toda a energia, além de nos deixarem desmotivados por não conseguirmos dar 100% do retorno esperado pela instituição, o que me influenciou bastante como professora, pois não quero isso para meus alunos.

Decidi, após longas conversas com a equipe pedagógica e professores da instituição que estudava, cursar algo que não era nada do que eu ou minha família esperávamos, e no primeiro semestre de 2010 entrei na UnB para o curso de Ciências Sociais. Esta foi uma das melhores experiências da minha vida, e passei a vivenciar coisas que nunca imaginei.

Sempre pensei em ser pesquisadora, até que um professor disse que todos deveriam ter a experiência docente e foi quando decidi fazer dupla habilitação e comecei a cursar disciplinas na Faculdade de Educação. Neste período iniciei o estágio obrigatório em uma escola de Ensino Médio.

Me apaixonei pela profissão, comecei a trabalhar como professora de sociologia, ingressei novamente na Universidade contrariando todas as pessoas que falavam para fazer um mestrado e esquecer graduação, e ao longo dessa caminhada venho aprendendo com meus alunos, professores e colegas.

Então hoje como professora, sigo aprendendo com minhas experiências, e o Teatro do Oprimido foi uma das mais gratificantes, pois enxergo como posso trabalhar com meus alunos, não apenas na resolução de conflitos, mas para que esses jovens compreendam o meio que vivem e como podem transformá-lo.

Sou muito grata a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória e me ajudaram a ser a pessoa que sou hoje.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como podemos articular os jogos do Teatro do Oprimido no contexto escolar. A questão que norteou a pesquisa foi “quais as possibilidades de articulação do Teatro do Oprimido no currículo da educação básica?” É possível fazer uma proposta de inserção curricular com intuito de trabalhar questões de opressão, para resolução de conflitos entre os jovens, e consequentemente trazendo para o espaço escolar uma transformação social?

O Teatro do Oprimido, segundo Boal (1975), busca a transformação da sociedade no sentido da compreensão dos oprimidos, sendo que essas transformações podem ser buscadas também em ações ensaiadas em grupos que vivenciam formas de opressão sistemáticas e que podem propor mudanças concretas nas suas vidas.

Sendo assim, trabalhar com temas que normalmente são problemáticos e também com resolução de conflitos dentro do contexto escolar com o Teatro do Oprimido é benéfico tanto para os alunos, quanto para a equipe pedagógica. Esta metodologia de trabalho dos conflitos e das opressões proporciona o fortalecimento dos vínculos comunitários, além de fornecer ao adolescente um ambiente que facilite caminhar na direção de novos descobrimentos, aspirando sua participação social de modo positivo, e buscar formas de estimular a discussão, problematizar questões do cotidiano, transformar esse meio e articular temas curriculares aos jogos de teatro aplicados aliando as bases curriculares propostas nas teorias pedagógicas.

Seguido esse pensamento, então pode-se chegar ao problema: como podemos implementar uma ação pedagógica para resolução de conflitos no currículo da Educação Básica?

Pensar e planejar ações que levem a resoluções de conflitos são desafios que devem ser assumidos por toda comunidade escolar, tendo em vista que muitos adolescentes são estigmatizados, devido a diversos fatores que ocorrem dentro e fora das escolas. O Teatro do Oprimido pode levar o adolescente ao protagonismo e o libertar dessas opressões que são vividas principalmente no contexto escolar.

Considerando o contexto da escola e da sociedade, a possibilidade de implementação do Teatro do Oprimido e a função transformadora da escola, definimos como objetivo da pesquisa:

Objetivo Geral:

- Analisar as possibilidades de articulação do Teatro do Oprimido ao currículo escolar.

Objetivos Específicos:

- Identificar na aplicação dos jogos do Teatro do Oprimido as possibilidades de resolução de conflitos no contexto escolar;
- Identificar formas de estimular a discussão, problematizar questões do cotidiano e transformar esse meio a partir dos jogos;
- Identificar nos jogos a potencialidade para desenvolver a liberdade criativa;
- Identificar nos jogos do Teatro do Oprimido a valorização das diferentes vivências dos alunos.

Para alcançar nossos objetivos foi feita uma pesquisa qualitativa utilizando a metodologia da pesquisa-ação, com observações e participações no CEF CASEB com a professora que coordenava as atividades do grupo na escola, para que essa vivência fosse compreendida.

A primeira parte do trabalho foi dividida em dois capítulos teóricos. O primeiro fala sobre Augusto Boal e o histórico do Teatro do Oprimido, e como suas técnicas podem ser trabalhadas no contexto escolar junto com a pedagogia do oprimido. O segundo capítulo teórico abrange a questão curricular, seu histórico, e como o Teatro do Oprimido pode ser inserido no Currículo em movimento do Distrito Federal.

PRIMEIRA PARTE – REVISÃO TEÓRICA

1.1 Teatro do Oprimido de Augusto Boal

1.1.1 Histórico

A ideia do Teatro do Oprimido (TO) surge no final dos anos 50 em São Paulo, quando Augusto Boal cria um seminário de dramaturgia, o teatro de arena, onde começou fazendo peças realistas para entender e assim, poder começar o teatro brasileiro, onde segundo ele o “espetáculo brasileiro significava sermos nós mesmos. Não fazíamos considerações de classe, sistema social etc. Apenas isso: memória emotiva [...] nós éramos mais parecidos aos nossos espectadores” (BOAL, 2000, p. 142). Ele buscava fazer um teatro para o proletário, para diferir do teatro burguês, com diretores italianos na época.

Então para seguir com essa busca de brasilidade

Decidimos ir pro Nordeste na infatigável busca do povo autêntico: ali sim, estaria o Brasil verdadeiro. Tínhamos feito contatos com a igreja progressista do Nordeste e as Ligas Camponesas de Francisco Julião, precursoras do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. E com o governo de Arraes, em Pernambuco, onde tinha sido criado, junto à Secretaria Estadual de Educação, o movimento de cultura popular (BOAL, 2000, p. 181).

Foi onde ele percebeu a necessidade de buscar a transformação do mundo, pois o teatro que apresentava nesses lugares nada mais era que uma mensagem política forjada no qual ele fala que “aquela viagem ao Nordeste e que dia mudaram minha vida. Virgílio e o padre Batalha mudaram minha concepção de arte. Pelo menos, na minha maneira de ver o teatro e sua serventia” (BOAL, 2000, p. 190).

Com o início da ditadura, e mesmo assim, buscando a questão identitária e política para o teatro que vinha desenvolvendo, Boal estreia com o espetáculo chamado Opinião, trazendo parte dessa brasilidade que buscava, com uma mulher de classe média, um negro do morro, e um sertanejo vindo do Nordeste, e assim dizia Boal (2000), que Opinião foi o primeiro protesto teatral coerente, coletivo, contra a desumana ditadura que tanta gente assassinou, torturou, tanto o povo empobreceu, tanto destruiu o que antes chamávamos pátria. Por mais que tenha sido um marco, a produção mais importante ligado a essa questão foi *Zumbi*, pois para ele esse musical propunha muito e teve uma resposta muito boa, segundo ele era uma peça de advertência contra todos os males presentes e alguns futuros, pois o texto era montado para estimular respostas nos espectadores, além de ser amparado pela música, desenvolvendo a empatia por quem assistia, trazendo então um novo sistema de musical,

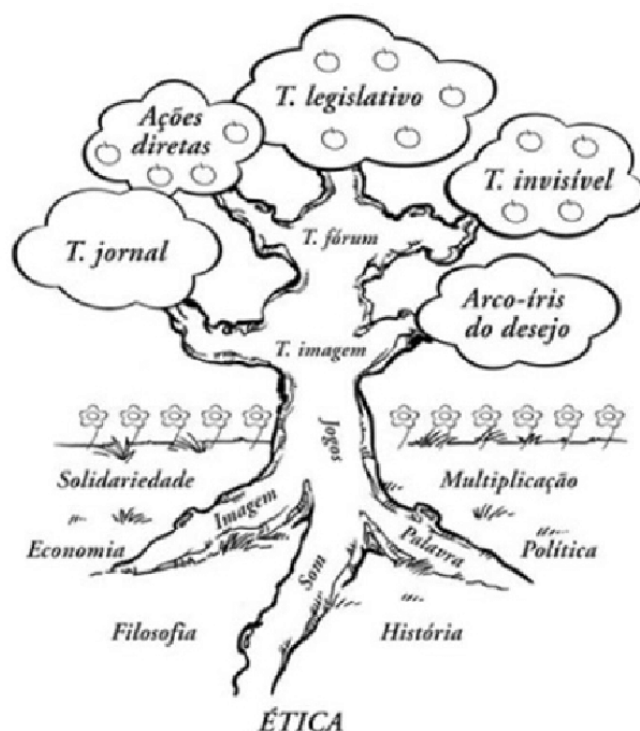
ainda trazendo assuntos que não eram falados em produções teatrais como a luta negra, seus valores, preconceitos, regras, etc. (BOAL, 2005). Mas mesmo assim, ainda faltava alguma coisa, uma interação maior com as pessoas que estavam assistindo à peça, ainda existia essa barreira invisível que incomodava.

Algum tempo depois, em uma oficina de teatro em Santo André para operários, Boal percebe a importância de falar de igual para igual, no caso, do operário no palco para o operário da plateia, mas só anos depois ele encontra o que estava buscando, que seria o teatro fórum, no qual uma pessoa da plateia vai até o palco para representar algo que faria, sendo ela mesma, no qual BOAL, 2005 conclui que essa maneira de teatro acaba produzindo uma grande euforia nas pessoas, pois ao mesmo tempo que um está escrevendo o teatro, tem outro produzindo, quebrando o muro que separava os atores dos espectadores.

E com isso Boal, 2000 fala que o Nordeste o alertou enquanto essa questão da opressão, que Santo André me mostrou o problema, e da necessidade de falar de igual para igual e que Chacacayo, ao entrar na cena e mostrar o que deveria ser feito, mostrou a solução.

1.1.2 Técnicas do Teatro do Oprimido

A diversidade do Teatro do Oprimido é representada em uma árvore que mostra suas técnicas e aplicações por mais que pareçam serem feitas de formas isoladas, de alguma forma sempre estão ligadas ao objetivo maior, que é reconhecer e transformar a opressão.



1.1.2.1 Teatro Imagem

Essa técnica não tem uso de palavras, surgiu quando Augusto Boal estava no Peru em um local onde falava-se mais de 40 dialetos, e foi pedido as pessoas que fizessem uma imagem de uma situação atual (real), e outra imagem de como essa situação deveria ser (ideal). Segundo BOAL, (2005) o corpo é usado para desenvolver outras formas perceptíveis, além do corpo, também é usado fisionomias, objetos, distâncias e cores. Podendo ter atividades simples e complexas.

Garcia (2018) fala que o teatro imagem busca expressividade total do corpo, mas dentre todos os sentidos, Boal queria amplificar o sentido da visão com essa técnica teatral, pois uma imagem pode nos mostrar várias coisas, mas que depende se estamos vendo ou olhando a imagem, pois muitas vezes o primeiro olhar passa despercebido.

1.1.2.2 Teatro Jornal

O Teatro Jornal tem como intuito mostrar o que está explícito, e principalmente implícito nas matérias dos meios de comunicação. Segundo Garcia (2018) seu objetivo era denunciar os textos jornalísticos que acabavam sendo manipulados na época da ditadura militar, para que a população mais afetada enxergasse de fato, o que estava ocorrendo na época. Sempre mostrando a parte que interessa (ou ao dono ou dona do meio, ou quem patrocina). Conforme aponta Boal:

[...] consiste na combinação de Imagens e Palavras revelando, naquelas, significados que, nestas, se oculta. Mostra que um jornal, por exemplo, usa técnicas de ficção, tal como a literatura, porém suas: a diagramação, o tamanho das manchetes, a colocação de cada notícia dentro das páginas, etc. (2005, p. 18).

1.1.2.3 Arco íris do desejo

Essa técnica, surgiu na Europa, enquanto trabalhava com oficinas na França juntamente com sua esposa Cecilia Thumim Boal, e segundo Boal (2005) consiste em trabalhar questões que estão dentro das pessoas, algum tipo de opressão que está internalizada.

É comum trabalhar com imagens e palavras que levam a teatralização, é uma forma de teatro fórum, mas com questões terapêuticas envolvidas, mas não chega a ser uma terapia de fato. Garcia (2018) afirma que por ter práticas terapêuticas, já foi comparado ao *psicodrama* mas Boal afirma que sua função é trabalhar o coletivo. Sendo assim, “o objetivo é

mostrar que essas opressões tiveram sua origem e guardam íntima relação com a vida social” (BOAL, 2005, p. 19).

1.1.2.4 Teatro Fórum

Seu primeiro formato surgiu no Peru, e consistia em fazer a peça até o seu ponto crítico, e então era perguntado para a plateia o que o personagem deveria fazer, fazendo improvisações de acordo com as opiniões da plateia, mas sem interferência dos mesmos no palco, mudando logo após em Chacacayo no Perú, no qual uma mulher foi ao palco e mostrou como os atores deveriam fazer a cena.

Dessa forma, Silva (2016) fala que ocorre uma possibilidade de aprendizado teatral na qual a divisão de papéis e as funções específicas de ator-espectador são desconstruídas. Assim, não existe uma posição passiva, em que um apresenta e o outro assiste, não mais existem uma possibilidade única para os conflitos, pois todos participam ativamente da ação apresentada e o espectador se transforma em “espect-ator”, criando e propondo novas ações e soluções para os conflitos. A partir dessa estrutura, os “espect-atores”, atores e plateia mostram em cena suas ideias, exercitam ações da vida real, de maneira consciente, como forma de se fortalecerem para atuar nas suas próprias vidas.

Se tornando segundo Boal (2005, p. 19), uma das técnicas mais democráticas do Teatro do Oprimido, pois

[...] usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores – aos quais chamamos de *Spect-atores* – são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não apenas usando a palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo ao qual pertencem, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo.

1.1.2.5 Teatro Legislativo

Falar sobre Lei no Brasil é algo bastante complexo, e a população pouco sabe sobre esse assunto, se tornando outra forma de opressão, principalmente para quem não as entende. Boal então se candidatou e foi eleito vereador do Rio de Janeiro em 1993, surgindo o Teatro Legislativo, que foi feito junto com o povo, de acordo com as necessidades de cada local trabalhado no Rio de Janeiro,

[...] um conjunto de procedimentos que misturam o Teatro Fórum e os rituais convencionais de uma Câmara ou Assembleia, com o objetivo de se chegar a formulação de Projetos de Lei coerentes e viáveis. A partir daí, temos que seguir o caminho normal da sua apresentação às Casas da Lei e pressionar os legisladores para que os aprovelem (BOAL, 2005, p. 20).

Sendo assim, (GARCIA, 2018, p. 27) afirma que “A ativação política propõe necessidade de cada grupo se mobilizar. Recolher por escrito as propostas resultantes de cada apresentação de Teatro-Fórum, debatê-las em seu grupo e procurar assessores legislativos que possam transformá-las em projetos de lei”.

1.1.2.6 Teatro Invisível

Essa técnica surge na Argentina, e sua principal intenção é falar sobre um assunto que causa algum tipo de opressão, e fazer com que as pessoas que estão ao redor, reflitam, mas que não saibam nunca que tal acontecimento foi uma cena teatral.

Garcia (2018) fala que muitas vezes deixamos passar situações de opressão por se tornarem algo banal, e que essa técnica nos faz refletir, debater e combater algo que fere quanto pessoa ou sociedade.

Por fim, o Teatro do Oprimido, surge como uma ótima possibilidade de prática pedagógica, tendo como principal objetivo libertar os seres da passividade para que se tornem ativos e protagonista de sua própria história. É na atuação que o ator se percebe e reconhece o meio em que vive como plano de ação. O plano de ação social, “traz na sua concepção a principal função que é a de lutar contra a anestesia social em que os seres humanos são naturalmente conduzidos” (DA SILVA, 2016, p. 5).

Tendo em vista que todas as sociedades, tanto no contexto macro, como micro, são movidas por estruturas conflitantes, e segundo (BOAL, 2005) devemos escolher se vamos nos aliar aos oprimidos ou se vamos deixar as opressões acontecerem, e não fazer nada a respeito, e sendo o Teatro do Oprimido uma escolha ética. Esse teatro é dos oprimidos para os oprimidos, que os leva a uma revolução, a um melhor entendimento da sociedade e da realidade que vive, e como transformá-la.

1.1.3 O Teatro do Oprimido nas escolas

A escola deve ser considerada um espaço democrático, no qual os alunos vivenciam e trocam experiências de vida. O Teatro do Oprimido pode trazer além disso práticas transformadoras. Segundo (BELÉM, 2016), levando em consideração que o teatro no espaço

escolar tem a finalidade de mostrar ao aluno que ele pode ser um indivíduo crítico e consciente do que acontece no meio que está inserido, o TO tem como premissa provocar o aluno nesses aspectos, levando-os a uma experiência que os tirem da zona de conforto, colocando-os como seres atuantes em seu contexto social, transmitindo para outras pessoas esse conhecimento adquirido.

Seguindo esse viés de auto reconhecimento, é interessante frisar a importância de ter o oprimido como protagonista do seu contexto social, despertando uma transformação nesse indivíduo quanto sua realidade. Desse mesmo modo (BELÉM, 2016) afirma que a natureza do teatro, é mostrar ideais e valores da cultura em que está inserido, e que para Boal, o teatro deve ser entendido como uma representação real da sociedade, contando e recontando a história desse meio.

Em relação a questão pedagógica, a autora afirma que:

As proposições pedagógicas defendidas por Freire podem ser encontradas nos princípios do TO, ainda que boa parte dessas influências não sejam devidamente assumidas por Boal. De qualquer modo, as duas concepções entram em consonância quando se contrapõem a qualquer forma de opressão sofrida pela população mais carente. Seja na Educação ou no Teatro, segundo as proposições dos autores mencionados, é preciso alertar as camadas desfavorecidas sobre os mecanismos de dominação das classes dominantes. Munido desse espírito denunciador, o teatro na escola funciona como instrumento de transformação (BELÉM, 2016, p. 57).

Levando isso em conta, o papel do professor é fundamental para tais transformações, considerando que o docente tem o papel muito parecido com o coringa do TO, pois além de mediar conflitos, é um facilitador em todo processo, assim como o professor. Seguindo esse viés, (BELÉM, 2016) afirma que com essa vivência que o aluno tem com o Teatro do Oprimido acaba desenvolvendo uma nova relação com o mundo, o transformando em indivíduo ativo e consciente para tomar decisões sobre ele e sobre a sociedade que vive, tornando-se um ser mais politizado e liberto da organização lógica do tempo, percebendo toda e qualquer forma de dominação, e por isso, acreditando que o TO seja algo indispensável para essa construção.

Em relação a aplicação do Teatro do Oprimido nas escolas, (BELÉM, 2016) relatou em sua tese que aplicou uma oficina em uma escola de João Pessoa no Estado da Paraíba, a autora fala que na época tal proposta ainda se encontrava no estágio inicial. Dessa forma, relatou que para tal pesquisa escolheu trabalhar com o teatro jornal, diferente de outros projetos que preferem trabalhar com o Teatro Fórum, e que essa escolha se deu devido ao seu objetivo que era “provocar os alunos a verem os produtos que chegam até eles por meio do

rádio, da televisão, e principalmente, da internet, com um olhar mais crítico” (BELÉM, 2016, p. 64).

A autora menciona ainda que houveram alguns problemas ligados a coordenação, pois quando levou o projeto para a direção foi falado para ela que tal projeto só poderia acontecer no contraturno, para que não atrapalhasse as outras disciplinas, um falso entendimento segundo Belém (2016), pois o fazer teatral pode sim compor o currículo escolar enquanto conteúdo.

Então entra a questão dos jogos teatrais, que são de tamanha importância para o Teatro do Oprimido, uma ótima técnica para trabalhar com os alunos, pois além de ser algo lúdico no qual os alunos sentem-se interessados em participar, também é uma forma de desmecanizar o corpo que está inerte realizando apenas funções cotidianas. Boal (2005), afirma que os jogos preparam o corpo e a mente levando ao autoconhecimento, melhorando a relação da pessoa com seu contexto social.

Ainda em relação a experiência de (BELÉM, 2016), ela relata que como a oficina começou no mês de novembro, não houve tempo suficiente para trabalhar tudo que estava programado com os alunos. Após as férias de verão, a autora fala que houve uma demanda dos alunos para que as oficinas continuassem, é então que nasce o GTAC (Grupo Teatral Analice Caldas), no qual pode-se iniciar o trabalho com o Teatro Fórum, ao escolherem um tema para trabalhar concluíram que o tema estava entre eles, o bullying e o cyberbullying, escutando relato de alguns alunos do grupo que passaram por isso.

Ainda segundo a autora, os alunos tiveram como base um vídeo viral em uma rede social no qual uma menina sofreu cyberbullying e suicidou logo após a publicação do vídeo. A partir desse vídeo os alunos escreveram um roteiro e, segundo Belém, os alunos demonstraram um ótimo conhecimento em relação a criação da peça teatral. Após o roteiro, foi pedido que eles resignificassem objetos para a construção da cena e de acordo com a autora se mostraram bastante criativos.

Então, a autora analisa:

Neste trabalho acadêmico, conto a história de muitas pessoas, de estudantes, que enfrentam uma vida nada fácil em comunidades carentes da cidade de João Pessoa-PB, e que aceitaram a proposta de fazer parte de um grupo teatral. Não pretendo simplificar aqui a vida de cada um deles, utilizando como justificativa o espaço em que vivem, mas não posso deixar de pensar que esses indivíduos estão diante de uma sociedade cada vez mais complexa e multifacetada, e por isso mesmo, menos compreensível para eles. Mais especificamente, narro e analiso os avanços que presenciei, à medida que foram sendo desenvolvidas as oficinas de teatro, bem como a partir do momento em que foi criado o grupo de teatro da qual sou coordenadora. Mesmo que alguns deles não percebam, à medida que produziram seus enunciados,

esses estudantes falaram de si mesmos, e revelaram o grau de maturidade que possuem ante as problemáticas que foram postas em discussão (BELÉM, 2016, p. 84).

1.2 O campo curricular

1.2.1 Histórico

O campo do currículo nasceu no século XIX nos Estados Unidos da América, sob o pretexto de garantir que a cultura estadunidense fosse central na organização do trabalho pedagógico, esse fato deu-se pela entrada em massa de diversos imigrantes, sobretudo latinos para exercer trabalho nas indústrias e fábricas do país. Eis o nascedouro da chamada teoria tradicional de currículo, marcada pelo excesso de formalismo e pela separação iminente entre criador e executor dos currículos (SILVA, 2011).

Nos anos de 1960 a questão da prática curricular passou a ser melhor estudada, principalmente sua relação com a população marginalizada, pois a prática curricular diária acaba sendo diretamente afetada, e isso inclui os jovens em conflito com a lei. Mas para compreender o currículo, é necessário entender o contexto e sua prática. Relacionado a isso, é mencionado por Young (2007) que o currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. Sendo assim, é necessário compreender a realidade que os alunos estão inseridos, e principalmente, levar em conta a questão científica que deve ser estudada. Tem-se a base das teorias críticas, que têm por foco a emancipação humana.

Dessa forma, Silva (2011) aponta uma última perspectiva curricular, no caso as pós-críticas que centram seu debate na análise identitária e subjetiva do discurso do sujeito, não pretendemos nos aprofundar em tal perspectiva, porque encontramos esteio na noção crítica de concepção curricular.

1.2.2 O teatro no Currículo em Movimento

O currículo em Movimento é a base norteadora da Educação do Distrito Federal, a partir dele a equipe pedagógica e a comunidade de cada escola monta seu Projeto Político Pedagógico. Ele é baseado em sete princípios: integralidade (formação integral do aluno), intersectorialização (envolver os setores da sociedade), transversalidade (prática social),

diálogo escola-comunidade (ampliar a participação da comunidade), territorialidade (onde a escola está inserida), trabalho em rede (integração e interdisciplinaridade) e convivência escolar (interação com o meio).

Quanto ao ensino da Arte, o Currículo em Movimento fala que é necessário dialogar com outras áreas do conhecimento para que o estudante se desenvolva de forma integral, mas para isso a teoria e a prática devem estar integradas, e para isso essa articulação se desenvolve a partir da interseção entre o fazer, apreciar e contextualizar. Sendo assim, esse currículo preza além das questões cognitivas, mas também que considere os aspectos sociais, históricos e políticos completando essa integralidade do ser humano (DISTRITO FEDERAL, 2018).

Gasparin (2009) fala que essa articulação também depende de um novo posicionamento, uma nova atitude do professor e dos alunos em relação ao conteúdo e à sociedade, onde o conhecimento escolar passa a ser teórico-prático, sendo um elemento fundamental na compreensão e na transformação da sociedade.

Já em relação ao professor, o currículo em movimento fala que:

O professor de teatro necessita assumir-se como um agente que encara a educação como um empreendimento político, social e cultural, tendo em vista que as abordagens pedagógicas contemporâneas em arte-educação têm enfatizado a seguinte distribuição em sala de aula: a criação (prática), a apreciação (formação de público) e a contextualização (atenção às peculiaridades da cultura e da sociedade em questão). Assim, é primordial que as práticas pedagógicas em sala de aula não estejam distantes da realidade cultural e social dos estudantes (DISTRITO FEDERAL, 2018 p. 89).

Dessa forma, o Teatro do Oprimido é uma técnica que além de englobar todos esses quesitos do Currículo em Movimento, tem a capacidade de fazer com que os alunos se enxerguem como sujeitos capazes, autocríticos, politizados, transformadores e que compreendam que não estão sozinhos.

1.2.3 Diretrizes pedagógicas

As diretrizes pedagógicas são conjuntos de normas e critérios pedagógicos que direcionam cada equipe escolar no desenvolvimento e fortalecimento das práticas pedagógicas propostas pela Secretaria de Educação.

Fazendo um recorte para a organização e progressão curricular, tem-se no documento que em relação ao currículo, ele não pode ser baseado apenas na lista de conteúdos que são consideradas obrigatórias para o estudante, mas que existe um conjunto de fatores externos que devem ser integrados e articulados de acordo com cada bloco.

Dessa forma, é importante “compreender a realidade social dos estudantes para compor intervenções em comunicação com os múltiplos conhecimentos: são os saberes a serviço de uma formação integral humanizadora” (DISTRITO FEDERAL, 2014, p. 43).

Seguindo essa linha, as diretrizes pedagógicas têm a perspectiva Histórico-Crítica como base, no qual o indivíduo é o protagonista na transformação da sociedade, mesmo com contextos conflituosos e contraditórios e é papel da escola trabalhar e sistematizar tais conflitos.

SEGUNDA PARTE – PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

2.1 Metodologia

Esta é uma pesquisa de campo exploratória que utilizou a metodologia da pesquisa ação, que segundo Thiollent (1985) é um tipo de pesquisa social associada a uma ação ou resolução de problemas coletivos, tendo como base a cooperação entre os pesquisadores e os participantes da realidade investigada.

A metodologia qualitativa de acordo com Martins (2004) se caracteriza por analisar microprocessos, por meio de estudos de ações individuais, grupais ou sociais, fazendo um estudo de dados aprofundado levando ao entendimento dessa realidade social. Essa metodologia tem como característica a flexibilidade em relação às técnicas de coleta de dados, incorporando a técnica mais adequada à observação que está sendo feita.

2.1.1 *Procedimentos de coleta de dados*

A coleta de dados da pesquisa ocorreu em duas etapas. Primeiro com o acompanhamento de aulas e da aplicação dos jogos do teatro do oprimido durante o quarto bimestre dos alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental no CASEB, que foram trabalhado elementos do Teatro do Oprimido durante as aulas de arte da professora Júlia Fagundes, tendo um total de 17 encontros.

A segunda etapa ocorreu com um acompanhamento da oficina de Teatro do Oprimido na mesma escola com alunos do 6º ao 9º ano. Essa oficina foi uma parceria da Universidade de Brasília e seus alunos do projeto 3 do curso de pedagogia, tendo um total de quatro encontros.

2.1.2 *Procedimentos de tratamento dos dados*

Durante os encontros procurava fazer anotações nos intervalos entre as aplicações dos jogos. Após cada aplicação era feita a descrição do jogo, a forma como foi aplicada e observações durante a realização dos jogos. Também foram organizadas as fotos por data considerando cada aplicação dos jogos.

Após a descrição das aplicações e das observações, fizemos a leitura do material para identificar a recorrência de temas, questionamentos feitos pelos alunos, relatos e situações.

2.1.3 Procedimentos de análise dos dados

Após encontrar as recorrências nas observações, procuramos articular estes temas às teorias pedagógicas que embasam os currículos escolares. A análise procurou identificar possibilidades de articulação entre as observações da aplicação dos jogos e as teorias pedagógicas que teorizam sobre o currículo da educação básica.

2.2 Observações

2.2.1 Contextualização da Escola

A escola na qual o projeto do Teatro do Oprimido foi feito é o Centro de Ensino Fundamental Caseb, localizado na quadra 909 da Asa Sul, foi a primeira escola de Brasília, fundada em maio de 1960. Segundo dados da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, atualmente, a escola conta com um quadro de 98 funcionários, e tem cerca de 876 estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A escola trabalha de forma parcialmente integral, e com isso foi montado um projeto de Teatro do Oprimido com algumas turmas da escola junto com a professora de artes e alunos da Universidade de Brasília.

O projeto 3 no curso de pedagogia da Universidade de Brasília, ligado ao Teatro do Oprimido, tem intuito de dialogar e trabalhar técnicas do TO, compreendê-las e aplicá-las em sala de aula. Trazendo um ensino teórico e prático para os alunos que escolheram cursar esse projeto.

Os encontros inicialmente aconteceriam a cada 15 dias no galpão da escola, mas devido aos feriados, houveram apenas quatro. Além disso, também foram observadas as aulas ministradas pela professora de Artes no período matutino, pois nesse bimestre foi trabalhado a questão do teatro, principalmente sobre o Teatro do Oprimido. Dividindo assim, as observações em duas partes, a oficina de Teatro do Oprimido com os alunos do Projeto 3, e as aulas da professora no período matutino.

TERCEIRA PARTE – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Descrição das Observações

3.1.1 *Aplicação dos jogos no Projeto do Teatro do Oprimido na Turma 1 e 2*

3.1.1.1 *Descrição da Aplicação dos jogos no primeiro encontro*

No primeiro contato que tive com os alunos do projeto, foram aplicados alguns jogos teatrais. Eles foram divididos em dois grupos, assim como os graduandos da UnB para que houvesse um melhor proveito das atividades, o primeiro grupo (13h15 às 14h15) com alunos do 6º e do 7º ano e no outro horário (14h15 às 15h15) com alunos do 8º e 9º ano.

A atividade inicial foi feita com os alunos para que pudéssemos conhecê-los e assim formarmos um vínculo com os mesmos, então foi feita uma roda na qual cada pessoa ia até o meio, falava o seu nome e fazia um gesto, gesto que todas as pessoas da roda tinham que imitar. Esse jogo é chamado de batizado mineiro, e foi notado uma certa timidez da maior parte dos alunos, pois faziam gestos discretos e quase não iam ao centro da roda e mudavam de lugar para que fossem os últimos a se apresentarem, e isso notado em ambos os grupos, mas é algo que considero normal, pois foi o primeiro contato que tivemos nesse projeto.

Após todos se apresentarem, foi pedido que os alunos continuassem na roda, pois o segundo jogo também seria em círculo, mas todos deveriam ficar de costas, e quando fosse falado uma palavra pela mediadora, todos deveriam pensar em uma forma de representá-la com o corpo e virar para que todos pudessem ver. As palavras usadas foram escola, amor, teatro e matemática, a palavra que os alunos mais tiveram dificuldades, mas foi interessante observar que haviam muitas representações criativas, mostrando o quanto esses alunos têm potencial. O terceiro jogo, chamado siga o louco foi de certa forma um pouco confuso para a compreensão dos alunos. Primeiro, foi formada uma fila indiana onde eles deveriam fazer um movimento contínuo e mudando de acordo com o som. Além da confusão houve um cansaço dos alunos, pois eram movimentos rápidos.

O quarto jogo consistia em montar uma máquina, no qual cada pessoa que entrava para compô-la, deveria fazer um movimento e um som, e os outros que fosse entrando deveriam fazer a mesma coisa. É como se cada um fosse uma peça dessa máquina que estava sendo construída. A primeira rodada seria uma máquina do amor, que de início foi um pouco confuso para eles, mas no final cada um falou qual o tipo de movimento e o barulho que estava fazendo, e qual era o significado disso. Na segunda rodada, seria a máquina do ódio, e

em sua maioria, os movimentos e sons eram ligados a agressão. A terceira rodada a máquina foi denominada como a do racismo, e a maior parte dos movimentos e sons eram de negação, tristeza, exclusão, armas e risadas. Então após a formação da máquina foi perguntado para os alunos se o racismo existe na escola, e foi relatado que isso de fato acontece na escola, mas não relataram nenhuma situação específica e deixamos para falar sobre o tema no próximo encontro.

O tempo acabou, e o outro grupo entrou na sala, para que fosse iniciado a segunda rodada de jogos. Alguns alunos do grupo anterior permaneceram, e foi aplicado o primeiro jogo, e alguns alunos queriam mudar de lugar, como foi relatado anteriormente. O outro jogo chamava-se hipnotismo colombiano, no qual todos deveriam andar pela sala, olhar as pessoas nos olhos, escolher uma pessoa (que não conhecesse, preferencialmente), colocar a mão próxima a cabeça da pessoa e mover a mão devagar, para que o outro seguir com a cabeça onde a mão fosse. Todos os alunos participaram, e logo depois a dupla passou a ser trio.

O terceiro jogo foi a máquina (fotografia 1), e tiveram alguns temas para aquecer, como comida, dança e amor. Quando o tema foi o racismo a maioria dos movimentos e sons eram ligados a agressão. Após a formação da máquina, foi pedido para os estudantes que fizessem uma cena com o racismo em evidencia, uma cena com intervenção e outra sem ação violenta. Pois a polícia entraria como uma resolução, mas de forma violenta. O tempo para aplicação dos jogos acabou, e os alunos foram embora.

Fotografia 1- máquina



Fonte: Arquivo pessoal.

Com essas atividades, pude notar o que BOAL (2005) fala em que os jogos ajudam a desmecanizar o corpo e a mente das tarefas do dia a dia, respondendo aos estímulos que recebem e criam em si mesmo, exigindo da criatividade que é algo essencial para o Teatro do Oprimido. Dessa forma, é importante falar que a participação e empenho desses alunos foi essencial para o desenvolvimento das atividades ligada ao Teatro do Oprimido.

3.1.1.2 Descrição da Aplicação dos jogos no segundo encontro

No segundo encontro não tivemos a participação da professora de artes, eram apenas os alunos da escola e os graduandos das UnB aplicando jogos previamente planejados. A primeira turma estava reduzida, devido a fatores pessoais de alguns alunos, o que dificultou um pouco a aplicação pois haviam mais graduandos da UnB do que alunos do projeto, levando a uma grande dispersão dos alunos.

Primeiro foi aplicado um jogo para aquecimento chamado zip, zap e boing que tem como objetivo trabalhar a concentração e atenção dos alunos. No início foi um pouco complicado pois estavam bastante dispersos, mas depois o jogo fluiu, mas não por muito tempo, pois os alunos ficaram cansados do jogo.

Logo após tentaram fazer uma cena congelada com um tipo de opressão com os alunos, mas eles não estavam entendendo muito bem o desenvolvimento da atividade, e foi quando os graduandos fizeram uma cena congelada no qual uma pessoa estava no canto da sala, enquanto outros riam dela. Foi pedido para que os alunos tentassem tirar a opressão da cena, mas eles fizeram isso com outra opressão, e como (BELÉM, 2016) fala, é normal que oprimidos buscarem formas de sobrevivência, sendo uma delas assumir o papel de opressor.

Foi explicado para os alunos que só mudou o local de opressão, e que ela continua, mas de outra forma. Então os alunos tentaram convencer a pessoa que estava fazendo esse papel para que não fizesse mais isso, e deram vários motivos. Foi interessante notar a quantidade de argumento que os alunos tinham, mostrando que eles sabiam articular de uma forma incrível.

Em decorrência das dificuldades iniciais, o tempo para o primeiro grupo foi curto, então o segundo grupo chegou, e alguns alunos do primeiro grupo ficaram com a segunda turma.

Então o primeiro jogo aplicado chamava-se cabeça e rabo do dragão, que tem como objetivo aquecer e trabalhar o entrosamento do grupo, nesse jogo, os alunos ficavam em fila

indiana e o último (rabo) tentava pegar o primeiro (cabeça), e isso deveria permanecer até que todos tivessem jogado, no início haviam gostado do jogo, mas logo aparentaram cansaço.

No segundo jogo eles deveriam continuar em fila indiana, e cada um falar uma parte do corpo e o “gavião” deveria falar uma parte do corpo aleatória, e após e iria correr atrás da pessoa que falou a parte do corpo que ele escolheu. Foi o jogo que os alunos mais gostaram e correram bastante pelo galpão e deu para perceber que eles gostaram bastante.

Logo depois fizeram uma atividade ligada ao teatro imagem, no qual dois alunos primeiramente fizeram uma imagem onde ficaram de mãos dadas e a plateia deveria falar o que isso poderia significar, então foi falado coisas como: cumprimento entre conhecidos, acordo de família, dois lutadores prestes a lutar. Foi então que tiraram uma pessoa da cena e pegaram outro voluntário para que a pessoa fizesse outro movimento, e então outra pessoa entrou em cena e outra e a plateia deveria interpretar a cena que estava acontecendo.

Nessa nova cena eram duas pessoas lutando, e então os alunos deram diversos motivos para essa luta, e então entrou outra pessoa e a cena mudou para uma em que tinha uma pessoa com a arma e outra indefesa, um aluno tocou na pessoa indefesa para sair e entrou encenando como uma morta. Estava um pouco confuso e quem estava como curinga não sabia muito bem como conduzir.

No final as graduandas do grupo fizeram uma cena onde os alunos deveriam falar o que a cena representa, sem pensar muito, mas o complicado foi que os alunos estavam falando de coisa hipotéticas que não tinha lógica com a cena, o que é completamente normal acontecer.

Os alunos estavam se dispersando muito em relação as cenas, fazendo coisas sem nexo que não era ligado ao que o grupo queria falar e novamente iniciaram outra cena, e mesmo assim os alunos continuaram a brincar bastante, e até fizeram uma bicicleta com o corpo, eu particularmente, achei genial. Deram início a outra cena, onde uma menina estava ajoelhada rezando e várias pessoas entraram na cena e começaram a apontar a arma, enquanto apenas uma entrou defendendo. Essa cena me lembrou o que Goffman (2013), fala que o papel que uma pessoa produz, é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros que estão no mesmo local.

Nessa mesma cena, a mediadora tirou algumas pessoas e ficaram na cena apenas a menina que estava ajoelhada e uma pessoa atrás dela apontando uma arma sem que ela visse. E então o grupo começou a falar o motivo dessa cena estar acontecendo, sendo um deles que ela era uma pessoa inocente que iria levar um tiro, foi então que outra pessoa entrou em cena

encarando essa pessoa “a inocente” e transformou a cena em um pedido de desculpa, segundo os alunos.

Fizeram outra cena, com essa pessoa ajoelhada, e outra chutando-a, e então falaram que isso poderia significar várias coisas: racismo, futebol, e depois perguntaram como poderiam acabar com essa opressão e as pessoas seguraram a mão dela e impediram que a outra chutasse entrando na frente, e então foi perguntado como poderiam fazer com que essa forma de opressão acabasse, e então os alunos falaram que conversando com a pessoa, conscientizando, e que ainda poderia ir além com palestras, conversas de formas mais amplas. Pude ver aí o quanto esses alunos são autocríticos e abertos ao diálogo.

Para finalizar, foi feita uma roda e foi perguntado como eles se sentiram na oficina falando com uma palavra, as respostas foram várias: divertido, dor, preguiça, cansaço, legal, criatividade, lembranças (por já ter passado por situação parecida), polêmicas, intrigante, emocionante, diferente, sensacional, entre outras.

3.1.1.3 Descrição da Aplicação dos jogos no terceiro encontro

No terceiro encontro tivemos a presença da professora de artes que auxiliou os grupos da UnB na aplicação dos jogos e atividades, fazendo a junção das turmas 1 e 2 então a professora iniciou com um jogo de aquecimento chamado pescaria, no qual os alunos deveriam ficar de braços dados, e tentar pegar os outros que estivessem livres até que todos fossem pegos e estivessem de mãos dadas, iniciando dessa forma um círculo.

Então a professora Júlia falou para os alunos que esse seria o penúltimo encontro, e que seria feita algumas fotos com as imagens congeladas que os alunos fizeram durante o projeto para serem expostos na semana de consciência negra, e apresentou o fotógrafo Adriano Maneo, que fez as imagens da turma.

O jogo seguinte tinha como objetivo concentrar os alunos, e o jogo chama-se “zip zap blé”, de início o jogo estava bastante lento, e para agilizar, foi pedido para o grupo que se dividissem em dois grupos, para o jogo andar mais rápido. E foi exatamente isso que aconteceu, pois foi possível ver a animação dos alunos ao jogarem, então a professora pediu para que os alunos congelassem e disse que a partir daquele momento, quem errasse todos da roda iriam fazer outro barulho para representar o erro e, começar o jogo novamente. O jogo deu certo e foi divertido de assistir e os alunos também estavam aproveitando e gostando.

Foi então quando a professora pediu para que os alunos formassem apenas um grande grupo, pois já haviam treinado o suficiente, e agora o jogo iria continuar de uma maneira mais rápida, e durou cerca de 5 minutos.

Então foi perguntado para os alunos qual outro jogo havia sido aplicado na semana anterior, e falaram que foi o mosquito africano (que tem como objetivo a concentração de coordenação dos participantes), mas como alguns não recordaram de como era o jogo, alguns alunos explicaram, e iniciou-se a brincadeira. Como começou bem devagar, a professora falou que o jogo estava sem ritmo e que deveria seguir as palmas que no ritmo mostrado, o que foi um pouco difícil no início, mas que logo depois as coisas fluíram.

Após esses jogos, foi perguntado se os alunos estavam aquecidos o suficiente para dar início aos trabalhos, e os alunos falaram que sim. Então deram início a primeira cena (fotografia 2) que eles lembravam de oficinas anteriores no qual eram duas pessoas no chão, outras agredindo, e uma pessoa ao redor filmando e outras observando.

Fotografia 2 – cena 1



Fonte: Adriano em 12/11/2019.

A segunda cena (fotografia 3) era uma pessoa sentada no chão cabisbaixa, outra simulando cortando o braço, enquanto o outro estava tentando impedir que a cena fosse filmada por outra pessoa. A professora falou que antes da cena, os alunos devem observar, refletir e intervir, sendo essa a última cena pois havia sido ultrapassado o tempo da oficina.

Fotografia 3 – cena 2



Fonte: Adriano em 12/11/2019

3.1.1.4 Descrição da Aplicação dos jogos no último encontro

Duas semanas após as fotos, houve o encontro de encerramento da oficina, no qual os alunos deveriam montar um painel, então foram colocadas algumas fotos tiradas no encontro anterior no chão para que os alunos olhassem e entendessem cada foto para a criação do painel.

Então a professora pediu que fosse feita uma atividade na qual eles haviam trabalhado em sala de aula chamada de exercício de agrupamento, que consistia em agrupar as fotos de alguma forma, então todos os alunos decidiram agrupá-las, sendo que esse agrupamento deve propor alguma temática, não precisando usar todas as imagens (fotografia 4).

Foi pedido para que uma pessoa que houvesse montado a sequência para fazer uma leitura das fotos, então foi falado sobre cada sequência, cumprindo o objetivo da professora que era trabalhar a intencionalidade de discurso.

Fotografia 4 – fotos do encontro anterior



Então foi pedido para os alunos que outra história fosse contada tendo como base apenas uma foto, tendo em vista que o que foi falado por eles estava muito relacionado com a prática dos encontros anteriores. Cada pessoa pegou uma foto e contou uma história, e baseado nessas histórias, foi pedido para que grupos fossem formados de acordo com a proximidade de cada história, e a partir disso, cada grupo deveria confeccionar um painel e apresentar para todos.

Foi apresentado cartazes ligados aos seguintes temas: machismo, depressão, vida escolar, e ao conversar sobre esses assuntos, os alunos relataram que não tem um espaço para conversas coletivas para debater ou falar de qualquer questão, e então foi perguntado se essa oficina poderia ser um espaço para esses diálogos, então os alunos falaram que sim, e que é muito importante o fato de um adulto perceber algo e perguntar o que está acontecendo com as pessoas, e que como foi desenvolvida uma afinidade com os alunos, a possibilidade deles se abrirem para o diálogo é alta.

Para finalizar a oficina, foram feitas algumas perguntas para os alunos, a falta de quórum afetou essa avaliação, mas foram obtidas respostas significativas dos alunos. Primeiro perguntamos como é que as pessoas vão perceber a opressão, então foi falado que a partir de orientações e de oficinas como essa que foi aplicada despertam algo neles que os fazem

entender o fato, mas foi falado pelos alunos que muitos têm medo de serem oprimidos quando se prontificam a ajudar.

Quando foi perguntado o que eles aprenderam com o TO e como essa oficina ajudaria no dia a dia escolar, responderam que principalmente em não ser oprimido, a ter uma posição e a ajudar os outros com conselhos.

Já em relação as críticas, sugestões e avaliações dos jogos, foi falado sobre a questão de terem poucas pessoas da escola (devido a fatores externos), e que a oficina deveria ocorrer mais dias da semana com a mesma duração (2 horas). Como muitos alunos estão indo para o Ensino Médio, foi pedido para que tenham oficinas em outras escolas, e que a convivência com eles fosse maior (tendo em vista que os encontros aconteciam a cada 15 dias). Ainda em relação a convivência, foi falado de modo positivo sobre a junção de várias turmas, pois melhorou a afinidade entre eles, e também foi pedido um contato além como grupo em aplicativo de telefone para informes importantes. Ao serem perguntados sobre outros temas para trabalhar, trouxeram temas como timidez, aprender a ter lugar de falar e finalizaram falando que gostaram dos jogos trabalhados.

Muitos alunos perguntaram se teria a possibilidade da oficina continuar, a coordenação informou que como o currículo a partir do próximo ano vai ser integral, ficaria viável a continuidade do projeto.

A professora sentiu bastante dificuldade em relação a escola, no sentido de falta de apoio da equipe pedagógica, tendo em vista que não assumiam diversos trabalhos (a limpeza do local é um dos fatores), tornando difícil a situação. Mas a oficina em geral foi finalizada e avaliada de modo positivo por todos.

3.1.2 Observações das aulas de Artes

3.1.2.1 Descrição das aulas

A primeira turma (Turma 3) observada, foi uma turma do sétimo ano, considerada pela professora como a turma modelo, comparada com todas que ela trabalha, nesse dia eles têm aula dupla, no primeiro e no ultimo horário. No primeiro horário, foram aplicados jogos que enfatizaram o corpo e a imagem, a linguagem não falada, concentração e atenção dos alunos, sendo o primeiro jogo, o jogo do espelho, no qual cada dupla definiu quem iria conduzir o movimento e quem iria seguir, e foi um ótimo jogo para trabalhar a concentração dos alunos.

O jogo seguinte consistia em fazer uma imagem com o corpo de acordo com a palavra dita pela professora, e as palavras foram escola, polícia e hospital. Pude notar que a maior

dificuldade dos alunos foi a palavra hospital, pois eles não sabiam como fazer uma imagem ligada a esse nome. Outro jogo aplicado era para dar outro significado para objetos, no qual a professora tinha um objeto na mão e dava outro significado para ele, e foi interessante ver a criatividade que muitos alunos tinham.

A professora então propôs outra atividade para os alunos, que é chamada de escultor e escultura, no qual uma pessoa no meio da roda faz uma imagem, e outra pessoa dá outro significado para ela, trabalhando apenas o corpo. Essa atividade foi a que os alunos mais se soltaram. Após todos terem participado, foi perguntado para eles o que eles entendem de opressão, e a maioria dos alunos falaram que não sabiam, então foi pedido para que eles fizessem uma pesquisa informal sobre o assunto para depois.

Por fim, foi feita uma avaliação em dupla, no qual cada aluno avaliou o outro (se participou, criatividade, etc.), e achei um método muito interessante de avaliação que pode ser desenvolvido para trabalhar com os alunos, pois desenvolve um certo tipo de autonomia, que é importante para a formação dos mesmos.

No segundo horário de aula com essa turma, a professora continuou com o conceito da linguagem não verbal, no qual uma pessoa fazia um movimento e em seguida, a pessoa do lado teria que fazer o mesmo movimento e não podiam errar, caso contrário começaria tudo de novo, os alunos no início erraram, até que se concentraram e conseguiram finalizar o jogo.

Logo depois a professora dividiu a turma em 4 grupos, e cada grupo deveria criar uma imagem que representasse o racismo na escola, enquanto a plateia deveria dar um título para a imagem formada. O primeiro grupo tinha uma menina cabisbaixa e 2 pessoas rindo, e a plateia nomeou a imagem como: bullying. O segundo grupo, tinha um menino no meio da roda, enquanto as pessoas da roda simulavam estar batendo e rindo dele, o nome dado foi agressão. O terceiro grupo representou de forma bastante parecida com o grupo anterior, e o nome dado foi agressão coletiva. Por fim, o quarto grupo era um menino sozinho chorando e as outras pessoas olhando e rindo e o nome dado foi: isolado.

A avaliação geral da turma, foi que na maioria das vezes, a pessoa que está passando por alguma coisa ligada ao tema, está sozinho, e que nem sempre é por causa da cor da pele.

A segunda turma (Turma 5), que é do 6º ano, era muito dispersa, e complicada de trabalhar (a professora demorou cerca de 30 minutos para conseguir começar a trabalhar com os alunos, e mesmo assim de maneira complicada), quando a professora conseguiu atenção da turma, a primeira atividade (jogo do espelho) começou a fluir. O outro jogo não foi aplicado, pois a turma continuou inquieta e dispersa, e assim a aula acabou.

A turma 6 também era do 6º ano, mas diferente da Turma 4, era uma turma bastante participativa, pois em menos de 10 minutos já se deu a início a primeira atividade que foi o jogo do espelho, e fluíu muito bem.

O segundo jogo teatral, as mesmas duplas da atividade anterior deveriam desfilarem pela sala de uma forma inusitada, esse jogo foi interessante para despertar nos alunos a organização (pois cada dupla tinha sua hora), a expressividade e criatividade de cada dupla. O terceiro e último jogo, foi o do objeto com outro significado, e da mesma forma os alunos foram bastante criativos e participativos. Finalizando a aula, foi feita uma avaliação em grupo da aula em geral e da dupla de forma qualitativa.

3.1.2.2 Descrição das aulas parte 2

A primeira turma (turma 7) nesse dia foi uma turma do 7º ano, essa turma tem três horários, então é interessante ver todo o desenvolvimento dos alunos em apenas um dia de aula.

O primeiro jogo para aquecer, chamado pescaria (já mencionado) durou cerca de 5 minutos, e após a formação do círculo, foi informado aos alunos que o tema da aula de hoje seria: confiança, que se houvesse essa confiança do grupo, todos ganhariam ou perderiam.

O jogo aplicado chamava-se jogo dos números, que tem o objetivo de concentrar os alunos. Eles deveriam contar até 10, mas apenas uma pessoa deveria falar o número e se falassem juntos, a contagem voltaria para o número 1. A turma pareceu gostar bastante, mas não conseguiram chegar até o último número, foi quando a professora ensinou algumas técnicas de respiração, e então eles conseguiram fazer a contagem.

A terceira atividade consistia em encontrar o eixo do corpo e manter o equilíbrio do mesmo. Foi dado um exemplo de como deveria ser, então fizeram uma roda para trabalhar esses movimentos. Os alunos foram divididos em trios, e a pessoa do meio deveria se mover para frente e para trás confiando que não iria cair, pois as outras pessoas estariam lá segurando caso não conseguisse o equilíbrio do eixo do corpo.

Na quarta atividade, os alunos foram divididos em 2 grupos, e cada um deveria ficar em paredes opostas de frente para o outro, enquanto isso um grupo ia para a outra parede de olhos fechados, enquanto a pessoa da frente deveria guiar. Muitos alunos não estavam confiando, e abriam os olhos constantemente.

Para continuar trabalhando com os sentidos, nesse jogo cada aluno deveria jogar um objeto (garrafa de plástico), olhar onde caiu e ir até o local de olhos vendados e pegá-la. Os

alunos se divertiram muito, pois a maioria dos alunos não conseguiam chegar perto da garrafa.

Para finalizar a aula, a professora pediu que fosse feita uma roda para conversar com os alunos, ela então perguntou se alguém sabia sobre a estatística da riqueza, e nenhum aluno soube responder. Então continuou falando que 1% da população possui 99% da riqueza, enquanto 99% da população mundial dividem apenas 1% da riqueza, falou da importância da coletividade na sociedade que vivemos.

A segunda turma (Turma 8) desse dia teve a mesma aula que a outra turma, o diferencial foi quando a professora falou que o tema seria confiança e muitos alunos relataram que não sentem confiança nos colegas de sala, foi quando a professora falou que as coisas não deveriam ser assim e pediu um voto de confiança dos alunos para realizar a atividade, na qual eles aceitaram e foi explicado como trabalhar com o eixo corporal, foram divididos em trios e fizeram a atividade. Foi notado uma desconfiança em alguns alunos, mas a maioria fez a atividade tranquilamente.

Outro dia de observação, também com uma turma 8, e o aquecimento foi a pescaria e foi notado que toda a turma estava participativa e motivada para jogar, e terminaram o aquecimento bastante cansados, então a professora explicou que o objetivo desse jogo é todos ficarem na corrente, pois quanto maior a quantidade de pessoas trabalhando em equipe, mais fácil fica para pegar as pessoas que estão sozinhas.

O segundo jogo chamava-se círculo de nó, onde se embaralhavam logo depois davam as mãos, e deveriam voltar para o local de origem sem soltar as mãos das pessoas. A atividade foi muito complicada que eles não conseguiram finalizar, e a aula havia acabado.

A turma 4 demorou um pouco para iniciar, mas também começou com o jogo da pescaria, e foi notado uma falta de trabalho em grupo. A professora então pediu para os alunos dividirem em grupo de quatro pessoas, onde cada grupo deveria escrever cinco nomes masculinos e cinco nomes femininos de pessoas importantes de diversas áreas da humanidade. Quando os alunos terminaram, a professora então explicou antes da aula acabar, que as pessoas negras normalmente têm pouca visibilidade, e que isso deve ser discutido não só em sala de aula, mas também em casa e outros locais que eles convivem.

A última turma teve as mesmas atividades, mas o diferencial foi que no círculo de nó, eles conseguiram desatar sem soltar as mãos dos colegas, mostrando um ótimo trabalho em equipe. Em relação aos nomes das pessoas, essa turma já estava trabalhando para a semana de consciência negra, então a maioria dos nomes citados eram de pessoas negras.

3.1.2.3 Descrição das aulas parte 3

O encontro seguinte iniciou com a turma do 7º ano (Turma 3), que foi informada que a avaliação não seria baseada em provas, como eles estão acostumados, mas seria uma avaliação formativa, apresentação sobre a semana da consciência negra (interdisciplinar).

O primeiro jogo era para ressignificar a cena de outra pessoa, foi notado que no início, os alunos estavam um pouco envergonhados, mas ao longo do jogo foram se soltando deixando o jogo mais fluido, mas pouco saíram da zona de conforto, fazendo com que a professora desse um “passo” a mais no jogo, e em vez de congelarem, deveriam fazer o movimento em câmera lenta, e do mesmo modo, inicialmente ficaram envergonhados, mas foram se soltando ao longo do jogo.

No segundo momento, foi pedido que os alunos dividissem em duplas, e deveriam fazer uma cena congelada que representasse o racismo na escola, e foram feitas imagens, nas quais os alunos deram os seguintes títulos: “tiro”, “bullying”, “revista policial” e “humilhação”.

Após a professora levantar essa temática com os alunos, muitos relataram que a questão do racismo acontece na família, como a questão de ser obrigada a alisar o cabelo. Também levantaram assuntos relacionados a questão policial, escravidão e bullying na escola. Esse é um dos pontos essenciais do TO, trazer questões reais para compreender e saber como transformar tal opressão.

Então a professora apresenta para os alunos uma música de funk chamada “som de preto” dos funkeiros: Almicka e Chocolate, e quando foi perguntado se alguém conhecia, ninguém respondeu frustrando um pouco a professora, mas rapidamente aprenderam a cantar o refrão. Foi pedido então que os alunos se dividissem em grupo de 4 pessoas para comporem rimas com esse ritmo com o tema do racismo.

A professora primeiro apresentou uma música no ritmo do forró que os alunos reconheceram, pois fizeram rimas com essa música, e então apresentou a música de funk, e disse que eles deveriam fazer uma quadra com tema racismo no ritmo da música de funk. É um pouco complicado levantar algumas temáticas com os alunos por serem novo, mas o TO faz com esse trabalho aconteça de uma forma tranquila e compreensiva com os alunos.

Além disso, é maravilhoso ver que essa temática chama atenção e estimula os alunos, principalmente relacionado ao ritmo escolhido para eles apresentarem, que é algo que eles estão familiarizados. Melhor ainda é ver a autonomia que esses alunos possuem, sendo a falta de tempo a parte complicada. É normal que algumas turmas não tenham concentração

suficiente e acabam fazendo outras atividades, mas isso acontece pois nada segue à risca, como planejado

Para as apresentações acontecerem, a professora precisou trabalhar a questão palco/plateia, e então ela menciona a questão da incompletude, onde ela não sabe o que pode acontecer o que é interessante da arte, pois pode acontecer algo extremamente incrível, ou não pode acontecer nada, e segundo ela, em ambos os casos, está tudo bem.

Então foi perguntado para a turma se cada grupo pode apresentar a música que foi feita na aula passada, e então os alunos tiveram cerca de 5 minutos para a organização, e houveram apresentações incríveis, com temáticas diversas, desde estética a violência.

Após apresentarem, a professora falou que todas músicas estavam muito boas, e com a temática ligada ao pedido, que foi a questão racial. Uma das músicas teve a frase “vai tomar no seu rabo” e a professora explicou que não teria problema ter uma questão assim devido ao funk em si ter músicas consideradas “proibidão”, mas que para a apresentação na escola, deveriam mudar para manter no contexto escolar, para evitar problemas com a direção e afins, com a ajuda de todos.

Em relação ao espetáculo de apresentação na semana de consciência negra, a professora falou que seria interessante fazer uma junção de todas as turmas do 7º ano, além das músicas uma narrativa em que o funk estivesse inserido. Quando perguntou quem teria interesse, apenas uma aluna levantou a mão, e disseram que só apresentariam se fossem obrigados, o que desanimou um pouco em relação a apresentação. Pois deveria ter no mínimo 10 alunos por turma com ensaios no período vespertino.

Então foi trabalhado o teatro imagem, no qual a professora pediu para que cada aluno fosse ao centro da roda e fizesse uma imagem, congelar e sair. Primeiro os alunos ficaram um pouco envergonhados e apenas pararam, e fizeram pouco movimentos, mas ao longo da atividade os alunos foram se soltando o que tornou a atividade mais interessante. Na segunda rodada, a posição que a pessoa fizesse, os outros alunos deveriam imitar a imagem na roda, os alunos ficaram um pouco envergonhados, mas da mesma forma as coisas foram acontecendo.

Ao trabalhar a questão plateia/palco, pediu para que a turma dividisse em três grupos, no qual cada grupo iria entrar em cena, e a plateia deveria respeitar. Primeiro grupo entrou de qualquer jeito, e a própria plateia falou que a entrada não ficou boa, na segunda tentativa a professora pediu para que os alunos dessem vida a essa entrada, e ainda seguindo a questão da consciência negra, foi perguntado como eles queriam entrar, e responderam que iriam entrar como prisioneiros de navio negreiro (fotografia 5), a entrada teve muito impacto, então a professora mostrou para os alunos possibilidades que a entrada pode trazer, também mostrou

a possibilidade que a plateia tem de participar da cena, finalizando, a professora pediu para que os alunos saíssem de cena também de uma forma impactante, e cada um saiu para um lado dando a impressão de estarem perdidos. Para os alunos que quiseram ficar na mesma posição, a professora disse que ficar parado também é uma forma de encenar.

Fotografia 5 – navio negreiro



Fonte: Arquivo pessoal.

O segundo grupo entrou e ficou parado e a professora perguntou como seria uma entrada de forma melhor, e perguntou se eles achavam interessante todos estarem encostados na parede de forma linear, se todos precisavam estar em pé, foi então que todos deitaram de forma desordenada (fotografia 6) e a professora perguntou para a plateia o que parecia, e eles disseram que a cena parecia um tiroteio na favela, e pediu para que os alunos levantassem e fizessem uma nova entrada, com isso a professora adicionou sonoplastia (de tiro), para melhorar a entrada da cena e para mostrar para os alunos que a sonoplastia serve para dar um efeito mais forte.

Fotografia 4 - tiroteio na favela



Fonte: Arquivo pessoal

A primeira turma desse dia, iniciou com aplicação do formulário de avaliação em pares mencionado pela professora no início do bimestre, no qual o aluno vai observar e avaliar o colega, esse formulário faz parte dos critérios de avaliação que além da multidisciplinar. Segundo a professora, ao longo do 4º bimestre foram desenvolvidas atividades práticas e teóricas relacionadas à encenação teatral, e eles deveriam responder a esse formulário como um apoio de reflexão e avaliação das aprendizagens a nível individual e coletivo da turma.

Essa turma, é um pouco complicada, e a professora explicou que é difícil terminar qualquer atividade com esses alunos, pois até para explicar, fica complicado devido as conversas paralelas, sendo um ótimo exemplo de trabalhar o TO com esses alunos.

Após a explicação, a professora pediu que os alunos sentassem em duplas para que a avaliação fosse feita, e a turma dispersou novamente, dificultando o trabalho da mesma, então ela escreveu no quadro “Por que o funk, capoeira, candomblé, umbanda e rap são discriminados?” Para responder, os alunos deveriam levantar a mão, para que a professora entregasse o “bastão da fala”, onde cada aluno poderia responder a pergunta, enquanto todos os outros o escutavam.

O primeiro aluno falou que o funk é discriminado, “pois muitas vezes fala sobre drogas e sexo e que todo mundo vê o funk por coisa ruim, mas acaba que todo mundo escuta funk”, e perguntou se alguém da sala nunca escutou. O segundo aluno disse que “as pessoas falam muitas coisas, que o funk é machista na letra que a mulher é diminuída, enquanto o

homem não”, e outro aluno respondeu que “o funk muitas vezes é cantado por homens, e que eles contam só o lado deles”, por fim, uma aluna falou que tem discriminação, porque o funk foi criado na favela, e cantado na favela.

Ficou muito difícil de entender o que os alunos estavam falando devido a conversa, tendo em vista que demorava cerca de 5 minutos para a professora conseguir atenção dos alunos após cada fala.

A pergunta seguinte foi: “você acha que o funk deveria ser proibido? ”, a turma foi dividida em pequenos grupos para discutir sobre essa pergunta, e depois chegaram ao consenso sobre esse assunto, porém a turma continuou conversando e gritando muito, atrapalhando o andamento da aula, fazendo com que a aula demorasse mais, e novamente não concluindo o objetivo inicial. Foi então que a professora falou que no intervalo iria conversar com a coordenação para saber como trabalhar com a turma. E que na aula seguinte que seria nesse mesmo dia, os alunos deveriam ir direto para o galpão para ver como trabalhar com eles.

A outra aula com eles, começou da mesma maneira que a primeira, com os alunos conversando bastante e demorando muito para a professora conseguir a atenção dos alunos, e então entregou a folha de avaliação para que fosse feita na mesma aula. Cada aluno leu um item da avaliação e avaliaram a sua dupla, mas muitas vezes a professora precisou intervir para explicar um item, e a partir daí iniciavam-se novas conversas paralelas.

A segunda turma (turma 4) chegou com um certo atraso, pois o galpão, é um pouco distante das salas de aula, e demanda tempo até que os alunos consigam chegar até o local. Para dar início a aula, foi feita uma roda, para que a professora explicasse o intuito do “bastão da fala”, que era parte principal da dinâmica da aula. Então ela disse que primeiro iria ser feito um debate, e que nas próximas segundas-feiras as aulas teriam que render bastante, pois não houve aula na sexta anterior (devido alagamento na escola), e não teria na próxima (feriado), sendo a única aula para finalizar o bimestre.

A professora perguntou quem teria interesse em apresentar algo na semana da consciência negra, e alguns alunos levantaram a mão, então ela disse que seria uma pequena peça, e que iriam trabalhar durante as próximas semanas.

A outra turma chegou rápido, e a professora iniciou a aula com alguns informes, e que haveria uma saída de campo para mostrar manifestações de arte na 308 sul com um educador de arte, chamado de “rolê cultural”.

A primeira pergunta foi se o funk é discriminado, e responderam que depende das músicas, enquanto outra falou que sim, que a pessoa e o som são discriminados a pessoa por

ser da favela e as músicas porque tem muitas falas sexuais. Muitos falaram que o funk não deveria ser proibido, apenas aquelas músicas que são consideradas ofensivas.

Outra pergunta feita pela professora foi: quais outras manifestações artísticas já foram proibidas, seguindo o mesmo pretexto do funk? Os alunos não souberam falar, e então foi falado sobre a proibição de uma obra de arte de um homem nu deitado no chão, e foi considerada ofensiva, também mencionou o samba, capoeira, candomblé, umbanda, e perguntou o que isso tem em comum, e os alunos falaram que todas são manifestações artísticas são de base cultural negra, deixando os alunos pensativos. Foi então que a coordenadora da escola entrou para dar a notícia do passeio, acabou a aula e a não tiveram tempo de terminar a discussão.

Na semana seguinte (dia da consciência negra) os alunos apresentaram as músicas trabalhadas, muitos relataram que não gostaram do modo que apresentaram, que o ritmo da música não estava correto, mas a professora falou que tudo ocorreu bem e que não tinha a necessidade dos alunos estarem desapontados quanto a apresentação.

Um dos métodos da professora para finalizar o bimestre, foi a avaliação em pares, mencionada anteriormente, então foi pedido aos alunos que realizassem a mesma e a entregassem. Assim foi finalizada as observações em sala de aula.

3.2 Análise e articulação teórica

Tendo as observações como base, pode-se perceber a relação que existe entre o Teatro do Oprimido com as teorias críticas da educação. Saviani (1991) fala que as escolas em sociedades capitalistas reproduzem a relação de dominação e exploração, podendo ser relacionada diretamente com a questão da opressão observada ao longo dos encontros, e dessa forma acaba sendo caracterizada como segregador e marginalizador.

É importante analisar a recorrência de temas falados pelos alunos como bullying, racismo e violência dentro da escola, que são questões que precisam ser trabalhadas de forma institucional. Paulo Freire (2013) sobre esta questão fala da importância de restaurar a humanidade em oprimidos e opressores, e de fato foi percebido essa vontade que os alunos têm em transformar o meio escolar.

Seguindo esse viés, é de extrema importância considerar os espaços que esses alunos estão inseridos e o que os mesmos vivenciam na escola “saberes tradicionais, culturas que habitam a escola e culturas do mundo contemporâneo são elementos essenciais para se pensar e fazer arte na escola” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 84).

Quanto ao teatro, o currículo fala que a questão da aprendizagem em relação ao teatro necessita de uma ruptura quando a ocupação tradicional da escola, que saia da zona de conforto das quatro paredes, além disso menciona a importância do processo de criação de cenas que leva ao fortalecimento da coletividade criando sentimentos de pertencimento e desenvolvendo a capacidade crítica quando se relaciona com diferentes culturas e contextos sociais e históricos (DISTRITO FEDERAL, 2018).

Essa questão pode ser diretamente relacionada com o Teatro do Oprimido, pois segundo Boal (2005), o que o indivíduo encena, acaba sendo um passo para a reprodução na realidade, e nesse caso para o reconhecimento do mesmo como indivíduo pertencente a tal sociedade.

O campo curricular, segundo Moreira & Tadeu (2013) é considerado um artefato social e cultural, que está implicado em relações de poder que transmite visões particulares e interessadas. O currículo tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

Ao planejar e organizar as práticas curriculares é importante considerar o desenvolvimento em conjunto de um pensamento crítico, para que esse aluno possa transformar os acontecimentos que acontecem em sua realidade, e também para que se evite a evasão escolar que é um fator decorrente entre jovens.

Tendo esse fato como base, Saviani (1995) fala que a marginalidade é um fenômeno acidental que afeta individualmente a um número maior ou menor de seus membros o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção que não só pode como deve ser corrigida, e a educação surge como um instrumento de correção dessas distorções, reforçando os laços sociais e garantindo a integração de todos os indivíduos. Mas como o autor menciona, os professores tendem a cuidar mais daqueles que têm mais facilidades, por ser menos trabalhoso, e deixar à margem os que têm mais dificuldades, o que acaba reforçando a discriminação e tornando-se politicamente reacionários.

O Teatro do Oprimido então pode se tornar uma ferramenta curricular capaz de trabalhar com todos os alunos, e assim diminuir questões comuns, mas que são problemáticas como a discriminação (tanto de professora quanto de alunos), bullying, entre outros conflitos que ocorrem no meio escolar.

Seguindo essa linha, Saviani (1991) questiona se seria possível a existência de uma teoria da educação que tenha o ponto de vista dos interesses dos dominados? E responde sua pergunta da seguinte forma:

Uma teoria do tipo acima enunciado se impõe a tarefa de superar tanto o poder ilusório (que caracteriza as teorias não-críticas) como a importância (decorrente das teorias crítico-reprodutivistas) colocando nas mãos dos educadores uma arma de luta capaz de permiti-lhes o exército de um poder real, ainda que limitado. No entanto, o caminho é repleto de armadilhas, já que os mecanismos de adaptação acionados periodicamente a partir dos interesses dominantes podem ser confundidos com os anseios da classe dominada. Para evitar esse risco é necessário avançar no sentido de captar a natureza específica da educação que nos levará à compreensão das complexas mediações que se dá sua inserção contraditória na sociedade capitalista (SAVIANI, 1991, p. 41).

Mencionado por Boal (2000), o Teatro do Oprimido se torna uma escolha ética, pois não poderíamos ficar isentos em relação as opressões que ocorrem no dia a dia, que pode ser relacionado com o que muitos alunos falaram que veem as opressões, mas que não sabe como acabar com as mesmas.

Boal fala em suas obras que além de ser um espaço democrático, o TO também é local de transformação não apenas pessoal, mas social e política, mostrando novamente a importância de trabalhar com o Teatro do Oprimido na comunidade escolar.

Quando ele afirma que o teatro é a imitação da realidade, abre-se o precedente de que essa linguagem pode ser utilizada como forma de expressão social, pois reflete aquilo que é vivido fora dos palcos. Possibilita, inclusive, que as camadas mais populares deixem de ser apenas plateia, mas protagonistas de cenas que refletem seu cotidiano, de modo que essas experiências vivenciadas sirvam como aprendizado para transformar a realidade.

Ao assumir a arte como um processo de se obter prática criadora e crítica, Boal assegura o direito de todo ser humano à formação estética, pelo fato de a arte viabilizar o sujeito com instrumentos para entender e analisar a sociedade e emancipar-se (GARCIA, 2016, p. 67).

Dessa forma, a escola é parte essencial para cada pessoa que passa por ela tendo em vista que a instituição escolar é um espaço transformador e formador no qual o aluno passa boa parte de sua trajetória. Do mesmo modo o currículo, tendo em vista que o mesmo é base norteadora da escola, e para Sacristán (2000) a escola não tem apenas a função de educar e nortear os alunos, e o currículo deve seguir os mesmos preceitos de não seguir apenas o que é estabelecido, ele deve ir além de sua finalidade escrita nas orientações, objetivos e conteúdos que definem o plano educativo.

As observações mostram que o Teatro do Oprimido tem uma amplitude que não cabe apenas em uma oficina ou uma disciplina. Sua articulação com outras disciplinas é essencial para que a escola se torne um espaço seguro, sem opressões para toda comunidade escolar.

Por fim, nota-se a importância do Teatro do Oprimido dentro das escolas, principalmente nas escolas mais carentes, Garcia(2016, p.21) fala que

[...] o que ele (Boal) fez foi inserir o teatro como possibilidade de discussão, reflexão e transformação a segmentos sociais menos favorecidos culturalmente, economicamente e, por que não, intelectualmente. O teatro lhes foi apresentado como, além de um reduto de entretenimento, elemento de possibilidade de reflexão e de mudança.

Tais fatores permitem que esses alunos compreendam que eles não estão sozinhos, e que podem transformar o mundo em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange esse trabalho, foi apresentada a importância que o Teatro do Oprimido tem, principalmente no ambiente escolar onde muitas vezes é considerado um local hostil, mostrando para as pessoas que elas não só fazem parte da sociedade, mas que podem compreendê-la e transformá-la.

Tendo em vista que o currículo deve ser formulado com base na sociedade que está inserido, o Teatro do Oprimido passa a ser uma forma de trabalhar, criticar e modificar uma das questões mais complicadas da sociedade que são as relações de oprimidos e opressores, que ocorrem em diversos âmbitos da sociedade.

Foi observado que esses alunos necessitam de um espaço democrático de debate de ideias, e que isso pode ser concebido no Teatro do Oprimido, tendo em vista que o ensaio na ficção acaba trazendo temas importantes para a realidade, transformando em um local para compartilhar ideias, medos, aflições e todos os outros problemas que passam em seu contexto social.

O projeto e as aulas não respondem tudo, mas passam a ser uma forma de auxílio para os alunos, tendo a necessidade do apoio de toda a equipe pedagógica, para que ocorra uma articulação entre professores, alunos e o Teatro do Oprimido. Além disso, foi notado nas observações que esses alunos são extremamente abertos para aprender coisas novas.

O Teatro do Oprimido não cabe apenas como uma disciplina, ele tem uma amplitude que pode ser articulado com outras disciplinas, fazendo com que a escola se torna um espaço do fato democrático para todos. Mas é importante frisar que ocorre uma grande diferença entre a teoria e a prática curricular, o que dificulta o trabalho tanto da equipe pedagógica, quanto os professores, que acaba sendo refletido nos alunos.

Deve-se levar em conta que o Teatro do Oprimido é uma forma de se reconhecer e pertencer, e implementá-la no currículo é necessária uma didática que busca não apenas os conteúdos escolares, mas também uma finalidade social dos mesmos, passando a trabalhar, criticar e modificar as relações entre oprimidos e opressores.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

É sempre importante traçar metas para o futuro, mas acho importante exaltar o presente, que está me proporcionando experiências incríveis. Mas quanto ao futuro, minha intenção é continuar minha carreira docente por alguns anos, e assim continuar aplicando técnicas do Teatro do Oprimido, como fiz ao longo desse ano com meus alunos do Ensino Médio na escola que trabalho. É interessante perceber que qualquer conflito ou algo parecido que acontece dentro ou fora de sala de aula, já penso em aplicar alguma técnica para a resolução dos mesmos. Tenho certeza que o TO é algo transformador, pois eu sou uma prova que isso acontece.

Futuramente pretendo fazer um mestrado seguindo os passos do Teatro do Oprimido, além de fazer uma especialização em Orientação Educacional, mas sempre tendo em mente que nós professores devemos continuar estudando e aprimorando nosso conhecimento.

Por fim, sou grata a Universidade de Brasília por ter me proporcionado uma trajetória acadêmica memorável, principalmente a Faculdade de Educação e o Instituto de Ciências Sociais que foram essenciais para a minha formação e minha construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM, Maria Augusta de Farias. **O Teatro do Oprimido no espaço escolar: um despertar crítico criativo**. João pessoa, 2016.

BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

DA SILVA, Ivone Ferreira. Título: **O Teatro do Oprimido: A arte de libertar os sujeitos**. Pato Branco, PR, 2016

DISTRITO FEDERAL, **Currículo em Movimento da Educação Básica**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília: 2018.

DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º Ciclo para as aprendizagens: 3º Bloco**. SEEDF, Brasília, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

GARCIA, Silvia Beatriz Paes Lima Rocha. **Transições de impacto: uma análise de construção de espetáculo teatral por meio do teatro-fórum**. Brasília, 2016.

_____, Silvia Beatriz Paes Lima Rocha. **A análise do Teatro do Oprimido como desenvolvimento do protagonismo**. Brasília, 2018.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, Aug. 2004

MOREIRA, Antônio Flávio & TADEU, Tomaz, (orgs.), **Currículo, cultura e sociedade**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática** 3. Ed. Porto Alegre. ArtMed, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: autêntica, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Revista Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n 101 p. 1287 – 1302, set/dez. 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA OFICINA DE TEATRO

	<p>GDF-SEEDF</p> <p>CRE PLANO PILOTO / CRUZEIRO</p> <p>CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL CASEB</p>	
---	--	---

AUTORIZAÇÃO PARA OFICINA DE TEATRO

Senhores pais e responsáveis,

A partir do dia 17 de setembro de 2019 iniciaremos no **CEF CASEB** a oferta de oficinas de jogos teatrais, nos dias: 17/09; 01/10; 15/10; 29/10; 12/11 (terças-feiras) em CONTRATURNO. Serão ofertadas vagas em duas turmas: **TURMA 01** (13h15 às 14h15) e **TURMA 02**, exclusiva para estudantes que participam do **PROJETO MATEMÁTICA É PARA TODOS** (14h às 15h).

O **PROJETO DE PEDAGOGIA TEATRAL** se realizará em parceria com a Universidade de Brasília em que os estudantes do curso de pedagogia aplicarão jogos de teatro em oficinas pedagógicas sob a coordenação das professoras Simone Lisniewski (**FE-UnB**) e Júlia Fagundes (**SEDF-CEF CASEB**).

Esta proposta de trabalho, que implica em integrar o ensino, a pesquisa e a extensão, se baseia em atividades de estudo e intervenção em grupo. As ações estão apoiadas no método do Teatro do Oprimido, reconhecendo o grupo como espaço de fala, construção de sentidos e identificações que permitem a explicitação de ideias, concepções, crenças e ideais presentes no cotidiano escolar.

Solicitamos aos responsáveis a autorização de participação na oficina por meio do preenchimento e assinatura do formulário abaixo:

Eu,

_____,
 telefone de contato: _____ autorizo a participação do
 estudante _____, turma _____ a
 participar da oficina de jogos teatrais ofertada por meio da parceria entre Universidade de
 Brasília e o **CEF CASEB** a partir do dia 17 de setembro de 2019 até 11 de novembro,
 conforme apresentado no presente do documento.

BSB, ____ de setembro de 2019.

 Assinatura do Responsável

APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE CONCLUSÃO DE ESTÁGIO

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

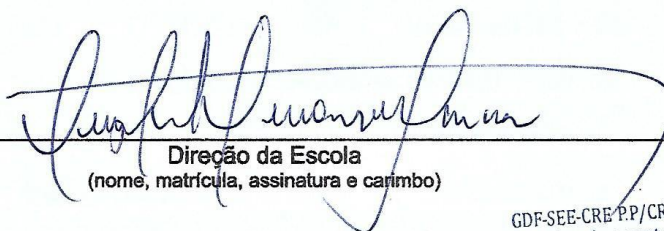
C.E.F. CACIB

(nome da escola)

Declaração de Conclusão de Estágio

Declaramos que o estudante Luana, brão dos santos costada Instituição de Ensino Superior Universidade de Brasília UNBdo curso Pedagogia, matrícula 160059615concluiu as atividades de ESTÁGIO SUPERVISIONADO no componente curricular/segmento de
Artesno turno matutino desta escola, perfazendo um total
de 90 horas, durante o 2º semestre de 2019.Brasília, 29 de novembro de 2019

Local e Data


Direção da Escola
(nome, matrícula, assinatura e carimbo)GDF-SEE-CRE/P.P./CRUZEIRO
Angelita Amarante Garcia
MAT 32.001.3 DIRETORA-CEFCASEB
DODF Nº 1 de 02/01/2017 PÁG 24

APÊNDICE C – TERMO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____, responsável legal pelo(a) menor _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____, **autorizo** a gravação em vídeo da imagem e depoimentos do(a) menor supracitado(a), bem como a veiculação de sua imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico, elaboração de produtos e divulgação de projetos audiovisuais sem quaisquer ônus e restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos do(a) menor supracitado(a), não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Brasília, 2 de outubro de 2019.

Assinatura do(a) responsável legal

Assinatura do(a) menor